#Nem uma a menos!

anarkio.net/fenikso

EDITORIAL

As pessoas burguesas propõem uma forma de liberdade limitada, condicional e vigiada, se utilizando sempre de chavões do tipo "a liberdade de uma pessoa termina onde a liberdade da outra começa"...

As socialistas autoritárias (marxistóides) se apegam à falsa idéia de que a liberdade proposta pelo anarquismo pressupõe uma supervalorização e uma supremacia da liberdade individual sobre a coletiva, insistem na idéia de que o interesse da coletividade deve estar em primeira ordem estando a pessoa subordinada a coletividade, ou seja, ao Estado (ditadura do proletariado), onde somente a partir desse Estado provem o seu direito e a sua vida.

As ideologias burguesas e socialistas autoritárias (marxistóides e seus inumeros clãs) insistem em dizer que a liberdade plena é impossível de ser realizada, no entanto se utilizam de argumentos diferentes para tentar justificar seu desejo pelo poder.

Ora pessoas companheiras, nada mais falso!

O que estas ardorosas defensoras da autoridade, da imposição e do poder não sabem ou fingem não saber, e que nós anarquistas estamos aqui para lembrar é que a verdadeira liberdade não tem fim nem limites, tampouco uma forma de liberdade tem supremacia ou privilégio em relação à outra.

Liberdade no anarquismo se somam e se completam; liberdade no anarquismo não tem final, apenas um começo que vai até onde a liberdade de todas e de cada uma sonhar em alcançar e até, talvez, vá um pouco mais além, incluindo todas as formas de vida.

AURORA OBREIRA

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido, sem religião, sem Estado.

Número 68 - Novembro 2016. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes, sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Movimento Anarquista, Danças das Idéias, ATB, Iniciativa Federalista Anarquista-Brasil
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 17

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

http://anarkio.net

Rafael Braga

Pessoa Presa e Perseguida Política pelo Estado Brasileiro

Liberdade e Indenização JÁ!

anarkio.net

DURRUTI ESTÁ MORTO, CONTUDO VIVO

Emma Goldman

Durruti, a quem vi há não mais que um mês, perdeu sua vida nos combates de rua de Madrid.

Meu conhecimento anterior deste tempestuoso petrel do anarquismo e seu revolucionário movimento na Espanha era meramente das leituras sobre ele. Em minha chegada a Barcelona aprendi muitas histórias fascinantes sobre Durruti e sua coluna. Elas tornaram-me ávida para ir ao front de Aragon, onde ele era o espírito guia das audazes valentes milícias, lutando contra o fascismo.

Cheguei ao quartel-general de Durruti quase à noite, completamente exausta pela longa viagem numa estrada rude. Poucos momentos com Durruti foram um forte tônico, refrescante e animador. Um corpo poderoso como se abrisse o caminho das Pedras de Monteserrat, Durruti representava facilmente a imagem mais dominante entre os Anarquistas que conheci desde minha chegada à Espanha. Sua energia extraordinária me entusiasmava, como parecia ser o efeito em todos os que estavam ao seu redor.

Vi Durruti em uma verdadeira colméia de atividades.

Homens entrando e saindo, o telefone constantemente chamando por Durruti. Além disso, haviam as ensurdecedoras marteladas dos trabalhadores que estavam construindo um galpão de madeira para a equipe de Durruti. Através de toda a gritaria e

constante exigência de seu tempo, Durruti permaneceu sereno e paciente. Recebeu-me como se me tivesse conhecido por toda sua vida. A gentileza e cordialidade de um homem engajado em uma luta de vida ou morte contra o fascismo era algo que eu dificilmente esperava.

Havia ouvido muito sobre o comando de Durruti, sobre a coluna que levava seu nome. Estava curiosa para saber por quais meios, além da campanha militar, ele utilizou para conseguir unir ao todo 10.000 voluntários sem treinamento ou experiência militares de nenhum tipo.

Durruti pareceu surpreso que eu, uma velha Anarquista, pudesse mesmo perguntar isso. “Tenho sido um Anarquista por toda minha vida”, ele respondeu. “Espero que tenha permanecido um. Eu deveria achar muito triste ter me tornado um general e dominar os homens com pulso militar. Eles vieram a mim voluntariamente, estão prontos a arriscar sua vida na luta antifascista. Acredito, como sempre acreditei, em liberdade. A liberdade que repousa no senso de responsabilidade. Considero a disciplina indispensável, mas precisa ser interna, motivada por um propósito comum e por um forte sentimento de camaradagem.”

Ele ganhou a confiança dos homens e sua afeição porque nunca agiu como superior.

Durruti era como um deles.

Comia e dormia com tanta simplicidade quanto eles; freqüentemente negando a si sua própria porção para alguém fraco ou doente, e mais necessitado.

E dividia com eles, também, o perigo de cada batalha. Este era sem dúvida o segredo de seu sucesso com a coluna. Os homens o adoravam. Eles não somente levavam adiante todas as instruções dele como também estavam prontos para segui-lo ao maior risco possível para repelir a posição fascista.

Eu havia chegado na noite de um ataque que Durruti tinha preparado para a manhã seguinte. Ao amanhecer, Durruti — assim como o resto da milícia, com o rifle sobre o ombro — liderou o caminho. Junto deles, fez o inimigo retroceder 4 km, e também obteve sucesso em capturar uma quantia considerável de armas que

os inimigos tinham deixado para trás em sua fuga. O exemplo moral de simples igualdade não era de modo algum a única explicação para a influência de Durruti.

Havia um outro: sua capacidade de fazer com que seus milicianos compreendessem o sentido mais profundo da luta antifascista — o sentido que havia dominado sua própria vida e que ele havia aprendido a articular para os mais limitados.

Durruti me falou da sua abordagem aos difíceis problemas dos homens que vinham para depois se fazerem ausentes logo quando mais se precisava deles no front. Os homens evidentemente conheciam seu líder — conheciam sua determinação — sua vontade férrea. Mas eles também conheciam sua compaixão e a nobreza escondidos por trás de sua aparência austera. Como ele poderia resistir quando os homens contavam a ele de doença em casa — pais, esposa ou filhos?

Durruti foi perseguido antes dos gloriosos dias de julho de 1936, como um animal selvagem, de país a país. Preso por vezes como criminoso, até mesmo condenado à morte. Ele, odiado anarquista, odiado pela trindade sinistra: a Burguesia, o Estado e a Igreja. Esse sem-teto vagabundo incapaz de sentimento, como o diabrete capitalista inteiro proclamava. Quão pouco eles conheciam Durruti... Quão pouco entendiam seu coração amante. Ele nunca ficou indiferente às necessidades de seus companheiros. Agora, no entanto, ele estava engajado em uma luta desesperada contra o fascismo em defesa da Revolução, e cada homem era imprescindível em seu posto. De fato uma situação difícil de enfrentar. Mas a engenhosidade de Durruti vencia todas as dificuldades.

Ele ouvia pacientemente a história de infortúnio e então discorria sobre a causa da doença entre os pobres: excesso de trabalho, desnutrição, falta de ar livre, de alegria de viver.

“Você não vê, camarada, que a guerra que eu e você travamos é para salvaguardar nossa Revolução, e a Revolução é para dar fim à miséria e ao sofrimento dos pobres. Nós temos de vencer nosso inimigo fascista. Nós temos que ganhar essa guerra. Você é uma parte essencial disso. Você não vê, camarada?”. Os camaradas de Durruti viam sim, e geralmente permaneciam.

Quando alguém insistia em partir, Durruti dizia “Tudo bem, mas você vai a pé, e quando chegar a seu vilarejo, todos saberão que sua coragem falhou, que você fugiu, que se esquivou da tarefa que impôs a si mesmo”. Isso funcionava como mágica. O homem implorava para ficar. Nenhuma intimidação militar, nenhuma coerção, nenhuma punição disciplinar para manter a coluna Durruti no front. Só a energia vulcânica do homem carregava todos consigo e fazia todos sentirem-se unos com ele.

Um grande homem este anarquista Durruti, um líder nato e professor dos homens, atencioso e terno camarada em uma só pessoa. E agora Durruti está morto. Seu grande coração já não bate. Seu corpo poderoso veio abaixo como uma árvore gigantesca. E no entanto, porém —Durruti não está morto. As centenas de milhares que compareceram no sábado, 22 de novembro de 1936, para prestar sua última homenagem a Durruti, são a prova disso. Não, Durruti não está morto. O fogo de seu espírito ardente acende em todos que o amaram e conheceram, e nunca poderá ser extinto. As massas já ergueram alto a tocha que caiu das mãos de Durruti. Eles a estão carregando ante si na estrada que Durruti mostrou por muitos anos, a estrada que leva ao ápice do ideal de Durruti. Esse ideal era o anarquismo — a grande paixão da vida dele. Ele o serviu completamente e se manteve leal a ele até seu último suspiro.

Se fosse necessária uma prova da ternura de Durruti, sua preocupação com minha segurança teriam-na dado. Não havia lugar para alojar-me nos quartéis da equipe geral. E o vilarejo mais próximo era Pina. Mas este fora bombardeado repetidamente pelos fascistas.

Durruti abominava que eu fosse mandada para lá. Insisti que estava tudo bem. Afinal só se morre uma vez. Pude ver em seu rosto o orgulho de que sua camarada não tinha medo. Deixou-me ir, sob forte proteção. Fui grata a ele porque me deu a rara oportunidade de conhecer muitos dos camaradas em armas de Durruti e também de falar com as pessoas do vilarejo. O espírito dessas vítimas do nazismo, mais que postas à prova, era extremamente impressionante.

O inimigo estava a apenas uma pequena distância de Pina e do

outro lado de um riacho. Mas não havia medo ou fraqueza entre as pessoas. Eles heroicamente seguiam lutando. “Antes mortos que regidos pelo nazismo”, disseram-me. “Estaremos com Durruti e tombaremos com ele até o último homem”.

Em Pina, descobri uma criança de 8 anos, uma órfã que já havia sido atrelada à labuta diária com uma família fascista. Suas mãozinhas estavam vermelhas e inchadas. Seus olhos, cheios de horror dos terríveis golpes sofridos nas mãos pelos mercenários de Franco. O povo de Pina é deploravelmente pobre; no entanto todos davam a esta criança maltratada todo o amor e carinho que ela nunca conhecera antes.

A imprensa européia, desde o começo da guerra antifascista, uniu-se para caluniar e difamar os espanhóis defensores da liberdade. Não houve um só dia dos últimos 4 meses em que estes sátrapas não escreviam as reportagens mais sensacionalistas das atrocidades cometidas pelas forças revolucionárias. Todos os dias os leitores dessas folhas amarelas eram alimentados com notícias de tumultos e desordens em Barcelona e outras cidades e vilarejos livres da invasão fascista.

Tendo viajado por toda a Catalunha, Aragão e Levante, visitado cada cidade ou vilarejo no caminho, posso atestar que não há sequer uma palavra de verdade nos horripilantes relatos que li nas imprensas britânica e continental. Um exemplo recente da fabricação de notícias completamente inescrupulosas era dada por alguns jornais a respeito da morte do anarquista e líder heróico na luta antifascista, Buenaventura Durruti.

De acordo com este relato absurdo, a morte de Durruti supostamente levou adiante violentas dissensões e revoltas em Barcelona entre os camaradas do falecido herói revolucionário Durruti.

Seja quem for que escreveu essa invenção descabida, esta pessoa não esteve em Barcelona. E sabia menos ainda do lugar que Buenaventura Durruti ocupava nos corações dos membros da CNT e da FAI. De fato, nos corações e na estima de todos apesar de sua divergência com as idéias políticas e sociais de Durruti. Na verdade, nunca houve tão completa unidade nas fileiras do front popular na

Catalunha, como desde que a morte de Durruti foi conhecida até quando ele foi finalmente posto para descansar.

Cada partido de cada facção política que lutava contra o fascismo espanhol parou para prestar tributo amoroso a Buenaventura Durruti. Mas não só os camaradas diretos de Durruti, contando centenas de milhares e todos os aliados na luta antifascista, a maior parte da população de Barcelona representou um incessante afluxo de humanidade. Todos tinham vindo para participar do longo e exaustivo cortejo fúnebre. Barcelona nunca havia testemunhado antes tal mar de gente, cujo pesar silencioso ergueu-se e prostrou-se em completo uníssono.

Assim também com os camaradas de Durruti — camaradas intimamente ligados por seu ideal, e os camaradas da esplêndida coluna que ele havia criado. Sua admiração, seu amor, sua devoção e respeito não deixaram espaço para discórdia e dissensão. Eles eram como um só em seu pesar e determinação de continuar a batalha contra o fascismo, e pela concretização da revolução pela qual Durruti havia vivido, lutado e se arriscado por inteiro até seu último suspiro.

Não, Durruti não está morto! Ele está mais vivo que os vivos. Seu exemplo glorioso será agora emulado por todos os camponeses e trabalhadores catalães, por todos os oprimidos e desamparados. As lembranças da coragem e da força de Durruti os incitarão a grandes feitos até que o fascismo seja destruído. Aí então começará o verdadeiro trabalho — o trabalho sobre uma nova estrutura social de valor humano, justiça e liberdade. Não, não! Durruti não está morto! Ele vive em nós para todo sempre.

Tradução de “Durruti is dead, yet living”, Hoover Institution on War, Revolution and Peace, Stanford,

1936." - por M.A.C.B.

anarkio.net

ESTAR EXPRESADAS

Para Jeka

Don't let me be, don't let me be misunderstood…
(Por favor não me deixe ser mal-compreendida…)
(Nina Simone)

A misoginia é um dispositivo patriarcal que está na base do constructo da feminilidade. Não apenas funciona para perpetuar a violência simbólica e material dos homens contra as mulheres, senão que também para manter as mulheres divididas entre elas. A misoginia cultiva o desprezo por nós mesmas e boicota permanentemente a construção de nosso amor próprio. Desta maneira, projetamos este desprezo contra as outras mulheres, instalando a desconfiança entre nós e impedindo a construção da cumplicidade profunda que necessitamos para nos curar.

Como pano de fundo, figura a traição da mãe. A maternidade é uma instituição patriarcal. A mãe é a primeira mulher que nos trai

(M. Pisano), porque sua função é transmitir a palavra e a lei do pai, seus valores e seu jogo de crenças. Foram séculos de repetitivas doutrinações e violências para que isto seja assim. Ela nos ensina a misoginia, tal como outra mulher ensinou anteriormente à ela. Assim, a história dos machos permaneceu incólume.

Adrienne Rich escreve sobre a "heterossexualidade obrigatória". A heterossexualidade é outra instituição patriarcal, unida à anterior – também obrigatória – e a todas as existentes que, em conjunto, velam por manter o tecido ideológico do sistema. A "heterossexualidade obrigatória" funciona eficientemente com mecanismos e estratégias que operam em distintos níveis. O propósito de dito aparato não é apenas obrigar-nos a ser heterossexuais nesta cultura, como único modelo amatório e erótico, rançoso e sadomasoquista. Também o objetivo é manter-nos, as mulheres, divididas em uma constante desconfiança entre nós e na reiteração da traição materna em nossas práticas cotidianas.

Tanta obrigatoriedade violenta, não sempre explícita, muitas vezes solapada, se deve a que ter que nos inscrever a um único modelo sexual e amatório é algo anti-natural, ainda mais se este modelo está sustentado na dominação e na erotização do poder sobre outro corpo, na erotização do sadomasoquismo. E viver não nos gostando a nós mesmas e entre nós é contra-vida. Me refiro a nos gostarmos fora do romântico-amoroso e mais além do lesbianismo, que se enrosca nas mesmas estruturas de poder patriarcal, pois os referentes de relações entre mulheres que são diferentes aos estabelecidos pelos machos, foram sepultados sistematicamente na cultura.

Por isso, o feminismo radical aos finais dos sessenta declarou: "o pessoal é político", o disse Kate Millet. Margarita Pisano, referente de mulher pensante mais próximo, fala do "íntimo, privado e público". Ou seja, nossas práticas políticas transcendem o público, pois implicam desvelar o poder que opera em nossos corpos, nossa sexualidade e nossas relações humanas cotidianas e afetivas. E isso, o feminismo radical o expressou antes e melhor que Foucault, e de maneira mais profunda que outras ideologias emancipatórias, por exemplo o anarquismo. Este é o pensamento

que provém da experiência das mulheres, que reconhecem, em suas vivências históricas e corporais, a pedra angular de toda expressão de domínio.

Então, propôr como relacionar-nos de outra maneira e ensaiar outros modos de relação mais humanos, em especial entre nós mulheres, é uma prática política chave. Pisano aprofunda sobre isso e propôe o "estar expressadas" como um ensaio para modificar-nos na interação concreta, que envolve o fazer política. Isto é, "estar expressadas" no íntimo, privado e público/político. Eu entendo o "estar expressadas" como uma ação política de rebeldia, porque seu exercício (não sempre fácil de realizar) rompe com o silêncio histórico feminino.

O "estar expressadas" implica entregar à outra pessoa os dados da realidade. Estes podem abarcar informações cotidianas, práticas, domésticas, ou melhor, os desejos, as intenções, as emoções e sentimentos, as idéias e pontos de vista ou opiniões de cada um. Requerem honestidade, especialmente com uma mesma. Logo, declarar a outra pessoa em horizontalidade, na capacidade de entender, pensar e decidir, sem ajudismo, 'buenismo' 1, protecionismo nem cristianismo. Deixar fora estes ismos hipócritas. Os dados da realidade se expressam em primeira pessoa do singular, porque são assumidos; uma se faz cargo e responsável do que sente e pensa. Também se necessita valentia, pois, ao "estar expressadas", nos expomos e nos arriscamos a não sermos compreendidas nem queridas. O intercâmbio dialógico pode ser ou não agradável; o que não deve é machucar.2 Nestas condições, tanto o encontro como a ruptura são conseqüências válidas.

E sempre gera movimento, jamais estancamento. O "estar expressadas" é uma recusa à prática da acumulação: de coisas não ditas, de frustrações, de contas pendentes. Intervêm nas relações, por isso é uma ação política, e inspira um movimento sempre vital; a interação se agiliza, se modifica. Ao falar, não apenas sacudimos a letargia, também os preconceitos. A sensação é a liberdade. Este programa ético possui raíz existencialista, beauvoiriana, isto é, confia na capacidade humana de construir cultura, na vontade humana de transcendência a partir do ato criativo e da palavra.

Rompe, portanto, com as idéias pré-concebidas, com o dado, com as crenças, com a idéia de deus, com tudo aquilo que nos desresponsabiliza como seres humanas completas em nós mesmas.
O "estar expressadas" abre um diálogo que nos compromete em uma interação consistente e continua com a outra pessoa; não se trata de lançar um dardo e logo esconder a mão. Entregar os dados da realidade a quem está em uma interlocução com nós significa construir um chão firme para que essa pessoa possa caminhar junto a mim, segura e confiada. Não é um gesto de amor ao próximo, isso é lixo cristão, que semeia a culpa e o sacrifício. É um gesto de amor próprio. Eu estou expressada por mim, desde mim, e porque me interessam algumas pessoas – não todas, nem toda mulher por "ser" mulher – com quem posso construir mundo: político, amistoso eu/ou amoroso3. As mulheres estamos cansadas de caminhar pela corda bamba, pisar em ovos, por solos movediços e escorregadios. Nossa história no patriarcado veio sendo essa. Viemos tendo que sobreviver a base de estratégias e manipulações sentimentais. E de silêncios.
A ação de expressar-nos não é mágica. Como disse Pisano, é um ensaio. É necessário experimentar. Simultaneamente, devem ocorrer várias coisas. Por exemplo, recuperar nossos corpos expropriados, postos a servir o mundo dos machos. Começar a escutar nossos corpos, confiar em nossas percepções, dar-nos conta de sua incomodidade, colocar-lhe palavras a dita incomodidade, dar-lhe atenção. Neste sentido, para "estar expressadas", temos que conhecermos, saber o que passa com nós mesmas, quais são nossos desejos, quando e como operam em nós os preconceitos, medos, fantasmas e demônios instalados por uma cultura fracassada. Por isso, a saída também é política e não apenas individual. Pois conhecer-nos implica ter uma análise crítica, um olhar holístico da cultura que habitamos. Mas, além disso, conhecer-nos históricamente, possuir um conhecimento profundo da história das mulheres, suas rebeldias e dores, que é o prisma que falta para compreender a história da humanidade, que até agora veio sendo

uma tergiversação 4 escandalosa de nossas realidades. Necessitamos esse solo firme histórico, ademais.

2013

Referência bibliográfica:

Pisano, M. (2012). El recetario del buen amor. En M. Pisano, Julia, quiero que seas feliz. Santiago: Editorial Revolucionarias.

NOTAS DA TRADUÇÃO:

1 Buenismo é um termo em espanhol, geralmente de caráter pejorativo e satírico, que se refere criticamente às tendências políticas bem intencionadas porém ingênuas, baseadas na idéia de apaziguamento, tolerância à todos posicionamentos, conciliação, políticas de boa vizinhança e pacifismo um tanto quanto alienado que busca evitamento de conflitos. Talvez seu correspondente no Brasil seja a gíria criada na internet, o "Deboísmo", a pessoa que "apenas quer ficar de boa", evitar debates ou a ter um posicionamento.

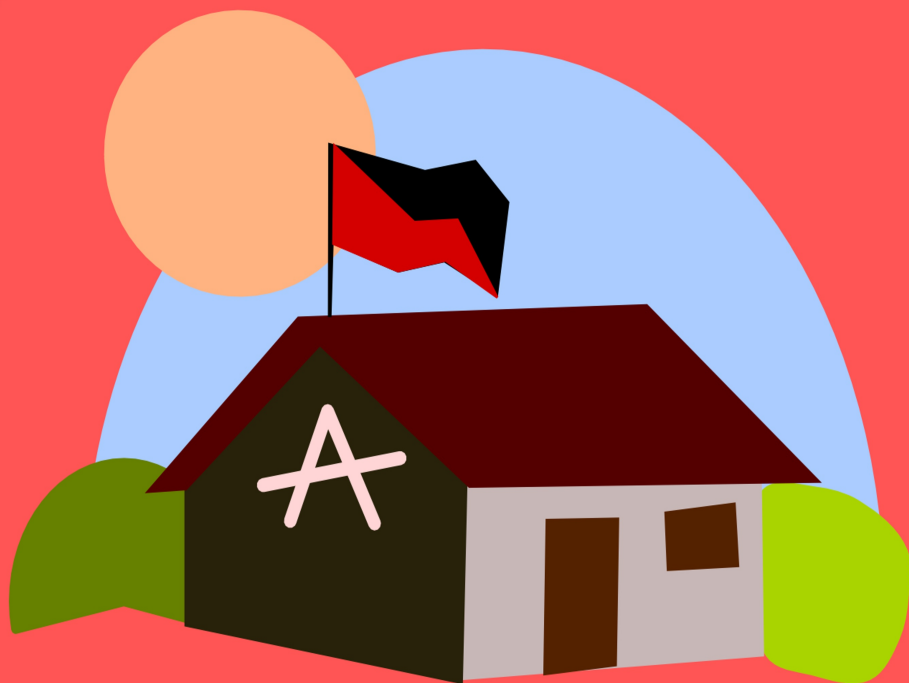
2 A autora falou que o estar expressada 'não deve machucar'. Porém, muitas vezes uma pessoa expressada (também conhecida como agressiva, ou firme) é sentida como agressiva, pois o que se espera das mulheres é justamente o 'buenismo', a gentileza e que sufoquem seus desejos e não coloquem limites. Neste sentido, acho importante que nos tornemos atenta a como muitas vezes, uma ativista pode ser vista como agressiva ou grossa pelo simples fato de ser expressada, ou como a expressão verdadeira e honesta de uma pessoa pode nos machucar porque a verdade costuma machucar, o 'não' costuma desagradar, e romper com a feminilidade é visto como ser agressiva, não gentil. Por isso é bom revisar-nos no sentido de ver o quanto nossa reação negativa ou a reação coletiva negativa à uma ativista, ou um imaginário construído acerca dela, se deve a uma reação negativa que a sociedade geralmente possui em torno à mulheres expressadas. Embora o ato de expressar-se não deva machucar, ele machuca porque não estamos preparadas para a comunicação sincera e para interações honestas, com tudo que isso implica no sentido de desencontros de desejos e expectativas que temos umas com as outras. Ainda acredito que é a aposta para rompermos com a misoginia.

3 Quando fala que nem todas as mulheres que escolhemos para sermos expressadas, e sim aquelas que temos afinidade, a Margarita Pisano (de quem Franulic extraiu o conceito de 'ser/estar expressada') chama de 'interlocutoras válidas', aquelas que consideramos dentro desse projeto de cambio/mudança

civilizatória como companheiras e com quem se desenvolveria a chamada amizade política.

4 Tegiversação é um termo pouco usado em português, embora existente, seria uma 'versão torta', o torcer a realidade e a experiência e falseá-la por meio de um relato que não é fiel ou correspondente da realidade, senão que uma versão distorcida dos fatos. A autora escreveu um texto sobre rumor, também traduzido pela tradutora deste, sobre o rumor enquanto tegiversação realizada pelo Patriarcado e reproduzida pelas mulheres, a espalhar fatos distorcidos na intenção de destruir e conter mulheres rebeldes que na história, sempre foram difamadas/tegiversadas.

Por Furi@

CONTRA TODAS AS IMPOSIÇÕES DO ESTADO, DOS PARTIDOS,
DAS IGREJAS, DAS FORÇAS EMPRESARIAIS E PATRONAIS...
OCUPAR, RESISTIR E PRODUZIR!

Nossa Casa Nossa luta!

Iniciativa por espaços
sociais autonomos
sem partidos, sem patrões
sem religiões, sem Estado

anarkio.net – fenikso@riseup.net

lernu
esperanto
aprenda
esperanto
anarkio.net

Vizitu nian interetan paĝon

HTTP://ANARKIO.NET

- Tekstojn;
- Imagojn;
- Agojn, ktp

Retadreso:

fenikso@riseup.net aŭ barriliber@anarkio.net
lobo@riseup.net

ANARKIO.NET

ATÉ O FIM DE TODAS CLASSES SOCIAIS